

POPULAÇÃO NEGRA DO BAIRRO PLANALTO EM RUSSAS-CE, QUE LUGAR OCUPA NO MERCADO DE TRABALHO?

Lúcia Maria da Silva ¹

RESUMO

O objeto de estudo da presente pesquisa é a legitimação da manutenção de precárias condições de sobrevivência e trabalho da população negra residente no bairro Planalto da Bela Vista, localizado na periferia urbana de Russas – CE. Nesse sentido, os objetivos sobre os quais se ateve esta pesquisa buscaram constatar os condicionantes sócio-históricos que possibilitam a manutenção de formas precárias de sobrevivência para a população negra residente nesse bairro. Com base na bibliografia consultada e em realizadas, concluiu-se que a escola realiza um consistente papel na legitimação da desigualdade social vivida pelos negros no referido bairro. Através de sua prática pedagógica, a escola acaba por se omitir e legitimar a desigualdade social vivida pelo povo negro. A pesquisa foi realizada com três grupos etários, um de sessenta anos a cima, um de trinta a cinquenta anos e um de trinta anos a baixo. Vinte depoentes foram tomados como expressão do perfil social e histórico da população encontrada no bairro em questão. Há nesse número a paridade de gênero, a fim possibilitar uma compreensão mais fidedigna do real. É nesse sentido que se pode afirmar que a instituição escolar possibilita encobrir a desigualdade étnico-social imposta historicamente à população negra, advinda da estrutura de classes da sociedade brasileira e de seu lugar na distribuição social do trabalho.

Palavras-chave: Negros, Escola, Desigualdade Social.

INTRODUÇÃO

A história social brasileira é marcada pela intensa desigualdade social, legado de três séculos de escravidão. O processo de emancipação social não foi acompanhado por um projeto, mesmo que mínimo, de retratação e reconhecimento dos flagelos impostos ao povo negro e seus descendentes. Dessa forma, à população negra foram legadas as mais precárias formas de subsistência e ocuparam os mais precários postos de trabalho.

Na emergência do século XXI, a população negra ainda continua a ocupar precárias e pauperizadas formas de sobrevivência e trabalho, resultado da histórica imposição social, econômica e política da elite brasileira diante dos demais grupos sociais. É nesse sentido que a escola vem cumprindo historicamente o papel de legitimação da desigualdade social advinda da divisão classista da sociedade brasileira, Freitag (1985). No entanto, a intensa estrutura de classe, marca do período colonial e da inserção do Brasil no comércio mundial não implica necessariamente as mesmas formas de exploração aos diferentes grupos constitutivos da classe trabalhadora, conforme afirmou Caio Prado Junior(2011).

¹ Mestre em Educação, pelo MAIE. Mestrado Academico Intercamp em Educaçãoi-UECE, luciasilva2010@yahoo.com.br;

Sabemos que o sistema escravagista perdurou no país por mais de trezentos anos, deixando profundas marcas no povo africano que fez a diáspora nas terras brasileiras, marcas estas que repercutem ainda na atualidade com intensidade de várias maneiras, em pleno século XXI.

A historiografia nos revela que as crianças negras não tinham acesso a bancos escolares. Elas eram levadas a trabalhar desde a tenra idade com alguma atividade, e mal remuneradas, para auxiliar na manutenção da família. Sua formação para o trabalho era feita sob a orientação dos patrões, no desempenho das mais variadas tarefas (Silva, 1987).

Trazemos a fala de um dos líderes do movimento negro dos anos 1920 do Estado de São Paulo, ele nos diz que:

"minha mãe foi uma negra, doméstica, muito lutadora, mas não podia me manter. Ela tinha de me deixar na casa dos outros para poder trabalhar [...] eu sempre vivi maltratado [...] tive uma irmã que veio mais tarde e viveu a mesma circunstância que a minha [...] com ajuda de minha mãe fui trabalhar como entregador de marmitas, menino de recados e ajudante de carpinteiro" (Cuti & Correia Leite, 1992, p. 23).

Mais tarde, já adolescente, lembra o militante Correia Leite: "... eu arrumei um emprego com um italiano [...] de ajudante de lenheiro e fazendo trabalho de cocheiro [...] Eu trabalhava com o italiano pra ganhar dez mil-réis por mês, casa e comida. Depois os italianos começaram a gostar de mim [...] Então começou também a me utilizar para tomar conta de crianças e fazer pequenos serviços nos dias em que não trabalhava com o velho italiano" (idem, p. 25).

Esta realidade do militante do movimento negro, era também a realidade nos torrões do antigo Tabuleiro dos Negros em Russas, hoje planalto da Bela Vista, lócus da pesquisa, as ocupações de trabalhos eram diferentes devido a economia do lugar, mas a exploração e a negação a educação também se dava entre os homens e mulheres negras da comunidade, pois como mostro na pesquisa, os homens e mulheres negras adultos mais idosos da comunidade não tiveram acesso á escola.

De acordo ainda com Silva, 1987, p. 12 as mulheres negras tinham como destino serem encaminhadas a orfanatos, quem tinha esta "sorte" (grifo nosso) eram preparadas para trabalhar como empregada doméstica ou como costureira.

As crianças negras eram adotadas quando adolescentes por famílias abastadas, recebiam o título de filhas de criação, o que de fato significava empregadas domésticas não remuneradas. Esta prática da sociedade fortaleceu o lugar social da mulher negra na sociedade brasileira. Este fato acabou, de certa forma, estigmatizando o lugar da mulher negra no mercado de trabalho e em pleno século XXI, a mulher negra russana, em sua grande maioria

continua tendo como lugar social a cozinha e as pias de lavar roupas nas casas de família brancas.

Com base no estudo realizado no bairro Planalto da Bela Vista, localizado na periferia da cidade de Russas – CE, bairro constituído historicamente pela população negra, observou-se que há uma perpetuação do lugar ocupado socialmente por diferentes gerações e que a escola possibilita a legitimação da desigualdade étnica e social a partir de uma pretensa neutralidade em seu sistema avaliativo, encobrindo assim, as determinações da divisão de classes na sociedade brasileira.

Objetivando compreender parte dos condicionantes históricos e sociais que possibilitam a segregação social da população negra residente no bairro Planalto da Bela Vista, o objeto de análise do presente trabalho é o papel da escola pública na manutenção do lugar ocupado pela população negra na sociedade local. O trabalho foi construído a partir das pesquisas documental, oral e bibliográfica, a fim de possibilitar um maior enriquecimento e aprofundamento de dados e análises aqui situados.

Concluiu-se, assim, que a escola em seu papel ideológico de promotora da equidade social acaba por dissimular e legitimar a desigualdade social a qual foi imposta historicamente ao povo negro. Nesse sentido, não se pode dissociar o lugar ocupado socialmente por tal grupo da estrutura de classe na qual este está submetido, nem dos agravantes étnicos decorrentes do lugar ocupado pelo Brasil na distribuição internacional do trabalho.

METODOLOGIA

A presente pesquisa foi realizada no bairro de população afrodescendente, localizado na cidade de Russas, no vale do Jaguaribe. Este bairro surgiu no ano de 1924 ocasionado por uma grande cheia que atingiu o vale do Jaguaribe. A população negra que morava na ribeira do riacho Araibu, foi obrigada a habitar os tabuleiros que ficavam em torno do município. Local sem nenhuma estrutura de habitação. As moradias foram construídas de taipas, cobertas por palhas de carnaúbas. Por muitos anos os negros moraram em condições sub-humanas sem água, luz, estradas, moradias dignas, e sem escola na comunidade.

O Planalto da Bela Vista, segundo o censo 2010, do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística IBGE possui uma população de 3.786 habitantes, sendo 1.843 homens e 1.943 mulheres, totalizando, de acordo com os dados do PSF do bairro, 1.010 famílias. O bairro conta com uma Escola Municipal que atende às crianças em idade escolar.

A opção metodológica que melhor atendeu ao enfoque desta investigação foi o estudo do tipo exploratório, numa abordagem quanti-qualitativa, dadas as possibilidades de abranger o maior número de pessoas.

As pesquisas descritivas, segundo Gil (2008) tem como objetivo primordial a descrição das características de determinada população ou fenômeno ou estabelecimento de relações entre variáveis.

Nesta pesquisa, investigaremos que trabalhos foram destinados aos negros da comunidade do Planalto da Bela Vista ao longo de 92 anos, ainda seus níveis de escolaridade e como a educação interferiu nas colocações de trabalho na sociedade russana.

A abordagem qualitativa parte do fundamento de que há uma relação dinâmica entre o mundo real e o sujeito, uma interdependência viva entre o sujeito e o objeto, um vínculo indissociável entre o mundo objetivo e a subjetividade do sujeito, de acordo com o que coloca Chizzotti (2010) apud Oliveira (2012, p.42).

Este mesmo autor nos diz que os processos de análise estatística, ou seja, análises de dados quantitativos abreviam a ordenação explanatória dos dados e os meios de correlacionar variáveis, ampliando as possibilidades de correlação, comparação e análises dos mesmos.

O universo pesquisado foi formado por vinte pessoas da comunidade, assim distribuídas: dois homens e três mulheres na faixa etária de 70 anos acima; três homens e duas mulheres na faixa de 50 anos; dois homens e três mulheres na faixa de 30 anos e três homens e duas mulheres na faixa etária dos 20 anos.

Estes depoentes foram escolhidos a partir da construção de um perfil sócio-histórico. Para montar este perfil recorreremos aos programas de Bolsa Família, do município, pesquisas exploratória e documental, como a realizada junto ao censo de 2010 produzida pelo IBGE. Com este perfil definido, pode-se delimitar a atuação dos vinte depoentes como expressão homogênea da população negra residente no bairro analisado.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

As pesquisas exploratórias permitiram eleger um consistente número de depoentes, os quais permitissem a melhor aproximação possível da problemática e do objeto trabalhado. O primeiro grupo de depoentes foi de pessoas na faixa etária acima dos setenta anos. Concluiu-se que, ao longo de suas vidas, ocuparam as mesmas atividades que seus pais e avós, trabalhando como roceiros ou meeiros em terras alheias, e ainda como apanhadores de algodão, em obras emergenciais do Estado, como empregadas domésticas. O fato de não

haver escola no bairro e de que a luta pela sobrevivência de pessoas que não obtinham acesso a nenhum meio de subsistência, tendo que trabalharem desde muito cedo, explica o fato da população negra dentro da faixa etária estudada não contar com qualquer nível de escolaridade ou com apenas o primário.

O crescimento demográfico e o desenvolvimento econômico de Russas possibilitaram a partir de meados do século XX, o surgimento de várias atividades, as quais tinham por base a construção e manutenção da estrutura física e doméstica de casas, prédios e comércios da elite local, advinda principalmente da extração da cera de carnaúba e do comércio. Assim, a população da faixa etária entre trinta e cinquenta anos teve relativo acesso ao ensino fundamental, no entanto, as necessidades de sobrevivência e suporte à família, levaram esta camada da população a trabalhar desde muito cedo em atividades como pedreiros, magarefes, pintores, serventes, carreteiros, pescadores, caçadores, cozinheiras, empregadas domésticas, lavadeiras, engomadeiras, lavradores e na produção de telhas e tijolos em olarias e cerâmicas.

Em relação ao terceiro grupo pesquisado, na faixa de trinta anos a baixo, verifica-se substancial elevação do nível de escolaridade. Mesmos diante desse quadro, não se verifica uma compatibilidade dos postos de trabalho ocupados e o nível de escolaridade dessa população, que, embora tenha adquirido o mesmo nível de ensino de outros grupos étnicos, ainda assim, ocupa lugares inferiores na distribuição social do trabalho. Ocupando cargos precários na indústria calçadista, no serviço público municipal, na agroindústria, na atividade ceramista, em casas de família, na construção civil ou mesmo como ambulantes. Entre os mais jovens, há quase que total inexistência de empregos formais, o que propicia a reprodução da desigualdade social no bairro.

Junto aos depoentes, observou-se que os mesmos consideram que não alcançaram melhores postos de trabalho e condição social devido a sua baixa escolaridade, não qualificação técnica e seupertencimento a etnia afrodescendente.

Nas palavras da entrevistada Tereza:

Sempre trabalhei como empregada doméstica e também minha irmã, na casa de uma mesma família. Ajudei a criar os filhos do casal e continuo trabalhando mesmo na minha idade, indo três dias na semana. Meus filhos têm ensino médio, mas uma é sacoleira e outro cozinheiro. Como não conseguem arranjar trabalho no comércio ou na prefeitura eles trabalham assim.²

² Nome fictício. A entrevistada tem 71 anos, possui o 4º anos primário e trabalha como empregada doméstica.

Através da fala da depoente, pode-se observar que o histórico social dessa população, sendo comum às diferentes gerações a necessidade primeira da subsistência, tarefa árdua diante da exploração dessa mão de obra totalmente despossuída de oportunidades de trabalho, mesmo tendo concluído a educação básica.

Uma vez que a população negra dessa faixa etária, já possui acesso à educação básica considerou se importante analisar de que forma a escola municipal existente no bairro desenvolve um trabalho que permita ao aluno reconhecer sua etnia racial e, conseqüentemente pertencente a classe dominada em uma sociedade classista.

A escola, enquanto reprodutora do discurso da classe dominante que não reconhece a existência da divisão de classes, nem de desigualdades étnicas, termina por fortalecer essa relação a partir de um modelo de ensino que desconsidera as diferenças ético-raciais, econômicas e culturais dos alunos, contribuindo para a manutenção do status quo.

A fala da professora Benedita³ ilustra as relações existentes no interior da escola: Às vezes eu digo pra eles (alunos) que também sou negra para que eles se aceitem como negros, que não tem nada demais ser negro. [...] Não me lembro de ter feito formação sobre afrodescendência. E em relação ao PPP da escola, pra ser sincera, nunca vi. Mas acho que não tem nada que fale sobre isso, pois não desenvolvemos atividades pedagógicas específicas dessa temática durante o ano.

É possível perceber que a escola não reconhece o bairro como um local de origem afrodescendente, bem como um espaço que atende alunos negros, visível na fala da professora quando ela afirma que a instituição não contempla atividades sobre a afrodescendência, no seu fazer pedagógico.

Esse fato decorre da reprodução, na escola, mesmo inconscientemente, do conceito propagado pelo sociólogo Gilberto Freire (1933) que, em sua reconhecida obra *Casa Grande e Senzala*, afirma que no Brasil existe a democracia racial, onde todos têm os mesmos direitos de acesso, existindo apenas uma diferença social entre os indivíduos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Não há nos documentos analisados nesta pesquisa uma porcentagem da população negra residente no bairro, assim, foi lançada mão da metodologia de amostragem para se estimar tal porcentagem. Foram selecionados aleatoriamente grupos de dez pessoas de

³ Nome fictício. A entrevistada é professora da Escola Municipal Ana Xavier Lopes, localizada no bairro pesquisado. Tem 55 anos, formada em História e leciona há 21 anos.

diferentes áreas do bairro; quando analisados os números permitiram concluir que a população negra residente no bairro é superior aos 65%³ da população total do bairro, aproximadamente 3.786 pessoas segundo IBGE (2010).

Pode-se concluir que o discurso que se convencionou ser reproduzido por lideranças políticas e por instituições do Estado, em que há uma indisposição à qualificação técnica e profissional da população negra residente no bairro Planalto da Bela Vista, o que justificaria as precárias condições de subsistência e trabalho dessa população, é na verdade, uma dissimulação dos reais condicionantes desse fenômeno histórico e social.

A elite econômica do município de Russas tem sua gênese histórica no latifúndio do algodão e da cera de carnaúba, atividades de grande rentabilidade até a primeira metade do século XX. A grande disponibilidade de braços livres para o trabalho criado pela abolição da escravatura em 1889, possibilitou empregar a população negra nas lucrativas atividades agrícolas sob intensas formas de exploração da população negra, negada e excluída de qualquer direito à reparação histórica de séculos de escravidão. Este número não distingue a cor negra em sub variações.

Foi com o capital acumulado na produção agrária que a elite econômica do município deu início à produção ceramista na segunda metade do século XX, Lima (2002). A produção e o acúmulo de capital necessário para o desenvolvimento econômico unilateral só foi possível sob forte exploração da mão de obra negra. A expansão da urbanização e do comércio ocasionado pelo desenvolvimento econômico advindo das atividades agrícolas no município de Russas, aliado à ocorrência de fenômenos naturais, como enchentes, obrigou a população negra a migrar para zonas periféricas da sede do município, neste caso, para a região altiplano, onde hoje se encontra o bairro que serviu de lócus para esta pesquisa.

Como se vê, os condicionantes históricos e sociais que possibilitam a compreensão da segregação racial e social da população negra residente no bairro em questão, estão situados na intensa divisão social de classes da sociedade brasileira, marca de uma herança colonial e do lugar ocupado pela população negra na divisão social do trabalho.

É nesse sentido que a escola enquanto instituição de pertença neutralidade e promotora de equidade social são usadas pela elite local para justificar o lugar ocupado socialmente pelo povo negro. A recorrência cada vez maior a tal discurso é explicado por dois motivos: um é a transformação de cargos de gestão educacional em ferramenta política, sendo escolhido para ocupar tais cargos representantes da elite local; outro é a intensa desigualdade social encontrada nesse início de século no município de Russas nesse início de século.

O discurso do mau desempenho escolar possibilita a elite local camuflar seus interesses de classe, assim como os reais motivos históricos e sociais pelos quais foram e são impostos à população negra, sendo necessária a manutenção da precarização material e profissional dessa população, a fim de que sejam condições necessárias para a submissão desta a condições de superexploração de sua força de trabalho.

Cabe assim aos constituintes da instituição escolar, o compromisso de contribuir para evidenciar as relações sociais onde se assentam o histórico de pobreza vivida pela população negra residente no bairro Planalto da Bela Vista.

REFERÊNCIAS

FREITAG, Bárbara. **Escola, Estado e Sociedade**. São Paulo. Editora: Moraes, 1986.

FREYRE, Gilberto. **Casa-grande e Senzala**: formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal. 48ª ed. São Paulo: Global, 2003.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e Técnicas de pesquisa Social**. 6.ed. São Paulo.

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Censo Demográfico 2010**. Disponível em <<http://www.cidades.ibge.gov.br/xtras/temas.php?lang=&codmun=230700&idtema=1&se arch=ceara|jaguaruana|censo-demografico-2010:-sinopse->>> Acesso em: 12 de jun. 2014.

LIMA, Luiz Cruz. **Produção do espaço, sistemas técnicos e divisão territorial do trabalho**. In. Scripta Nova.

Revista Electrónica de Geografía y Ciencias Sociales, Universidad de Barcelona, vol. VI, nº 119 (63), 2002. Disponível em: < <http://www.ub.es/geocrit/sn/sn119-63.htm>> Acesso em: 09 de abr. 2015.

OLIVEIRA, Sônia Teresinha Duarte de. **A Cultura Afro no Ensino Fundamental**: Análise da aplicação da Lei 10.639/2003 nas escolas municipais de Porto Alegre, RS. {Dissertação}. Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação. 2012.

PRADO JR, Caio. **Formação Econômica do Brasil Contemporâneo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

RUSSAS. Programa Bolsa Família-Secretaria de Assistência Social. Perfil **Socio-Econômico**. 2016.

RUSSAS. Secretaria Municipal de Saúde. **Dados do PSF Planalto**. 2016.

SINGER, Paul. **Aprender Economia**. São Paulo: -5ª. Ed.- Editora Brasiliense, 1988.

SILVA, P. B. G. e, (1987). **Histórias de operários negros**. Porto Alegre: EST, Nova Dimensão.

CUTI & CORREIA LEITE, (1992). **E disse o velho militante**. Depoimentos e artigos. São Paulo: Secretaria Municipal de Cultura.